

Os pensamentos dos deuses são diferentes dos humanos. Para um deus poderoso como ele, a dignidade vale mais que a vida. Mesmo na derrota, ele preferiria morrer com honra como um verdadeiro guerreiro. Fugir seria o ato mais covarde possível, e ele não se rebaixaria a isso. Decidido a enfrentar o inimigo, a questão agora era como alcançar a vitória. Melqart, apesar de sua aparência bruta, era astuto. Ele havia aprendido uma valiosa lição com o trágico destino que testemunhara. — Primeiro, nunca subestimar esse inimigo ardiloso. Não posso dar a ele a chance de preparar seus feitiços! Ao lembrar das centenas de barreiras mágicas que vira cobrindo o corpo de Su Mo, Melqart sentiu um calafrio. Para ser sincero, se fosse ele no lugar de Verethragna, jamais teria durado um minuto contra Su Mo naquele estado. Na sua opinião, a derrota relâmpago de Verethragna se devia à excessiva rigidez moral. — Esperar que um inimigo daquele nível se prepare antes de lutar? Isso é suicídio! Aprendendo com isso, Melqart decidiu não dar a Su Mo nenhuma chance de preparação. Mas isso por si só não bastaria. Seu adversário não era qualquer fracote, então ele precisaria de um golpe decisivo. — Segundo, preciso acabar com sua vida na velocidade máxima! Considerando o talento mágico absurdamente forte de Su Mo, Melqart desconfiava que, mesmo sem tempo para preparação inicial, qualquer batalha prolongada daria ao humano chance de acumular vantagens através de mais feitiços. Era quase cômico pensar que um deus rebelde temesse uma guerra de atrição contra um humano. Mas diante das proezas anteriores de Su Mo, era uma preocupação válida. Ele precisaria quebrar as defesas do inimigo antes que muitos feitiços fossem erguidos. Portanto, velocidade era crucial. Agora como um Matador de Deuses, numa batalha convencional, Melqart dificilmente eliminaria Su Mo rapidamente. A melhor tática seria armar uma emboscada, preparando o terreno para que seus poderes divinos pudessem ser liberados simultaneamente em força total. Determinado, Melqart começou a canalizar sua energia divina para moldar o campo de batalha: Nuvens tempestuosas se aglutinaram no céu, relâmpagos prontos para a descarga; As ondas do mar se agitaram violentamente, crescendo como montanhas líquidas; Milhões de gafanhotos se escondiam em cavernas escuras, silenciosos; Sob a terra, incontáveis guerreiros do submundo aguardavam. Como deus do céu, dos mares, da colheita e do submundo, o poder de Melqart era formidável. Seus ataques combinados poderiam ferir até Verethragna — portanto, Su Mo, por mais forte, certamente sairia gravemente ferido. E então, seu trunfo final poderia selar o destino do humano. Metodicamente, o deus revisou todo o plano de batalha e, satisfeito, começou a se preparar. — Finalmente, o mais importante... restaurar-me completamente! Enquanto Su Mo conversava com Erica, Melqart se concentrava em curar seus últimos ferimentos. Assim que recuperado, seu espírito guerreiro não permitiu espera — ele desafiou Su Mo imediatamente. ****TROVÃO!**** Após sua provocação, um raio espesso como um tronco caiu diante de Su Mo. Era ao mesmo tempo um insulto e uma forma de evitar que ele se preparasse. — Que provocação primitiva — comentou Su Mo, percebendo a artimanha. Os métodos divinos eram de fato antiquados. Se fossem tempos antigos, tal estratégia seria brilhante, mas agora não enganaria nem uma criança. Mesmo assim, Su Mo fingiu não perceber e rapidamente se aproximou do poder divino irradiando de Melqart, pisando descuidadamente no campo de batalha preparado. Ao ver Su Mo tão desprevenido diante dele, Melqart sentiu um ímpeto de triunfo. — Está ganho! Armadilha preparada, velocidade superior, quatro poderes contra um... — A vantagem é minha! [Capítulo 030: O Silêncio é o Maior Desprezo] — Você não fugiu. Ao menos tem a coragem digna de ser enterrado por minhas próprias mãos! — rugiu o deus gigante, seus olhos cintilando com autoridade. O sucesso do plano até surpreendera o próprio Melqart. Tudo ocorrera como planejado: Su Mo seguira sua aura divina direto para o vale preparado — terra que, sob aparência comum, transformara-se em extensão do submundo. Com gafanhotos, maremoto e tempestade, quatro poderes cercavam Su Mo. Bastava um pensamento para aniquilá-lo. E, aparentemente sob efeito da provocação, Su Mo ainda não iniciara quaisquer feitiços. Sem defesas, nem deuses rebeldes nem Matadores sobreviveriam a tal ataque. Exceto por um detalhe que incomodava Melqart no fundo: a imprudência exagerada de Su Mo. Racionalmente, era ótimo. Mas como guerreiro, isso o ofendia. — Sabendo que seu oponente sou eu, por que não se prepara adequadamente? — trovejou o deus, furioso. — Foi a vitória sobre Verethragna que apagou seu instinto? Ou acha que sou mais fraco que ele? Sua indignação tomava

forma palpável. Taticamente, ele realmente esperava que Su Mo subestimasse o inimigo para poder derrotar o matador de deuses diante dele. — Mas o orgulho de um deus rei fez com que ele sentisse que o comportamento de Su Mo era um desrespeito completo. — Contra Verethragna, você foi tão cauteloso... E agora, contra mim, age com tanta negligência? O que isso significa? Para ele, a honra valia mais que a própria vida. — ... Su Mo ignorou completamente a provocação do deus rei. Melqart percebeu que, embora o olhar de Su Mo estivesse voltado para ele, sua atenção claramente estava em outro lugar, como se estivesse ponderando algo. Um matador de deuses recém-nascido, diante de um deus rei como ele, agindo de forma tão desatenta? — O silêncio é o maior dos desrespeitos. Melqart sempre ignorara os humanos, jamais imaginando que um dia seria tratado da mesma forma. E então, sua fúria explodiu. — Insolente filho da imprudência! Parece que só esmagado no chão você entenderá o que é a majestade de um deus rei! Nada mais de testes. Agora ele queria ver do que Su Mo era realmente capaz. — Ventos, chuvas, trovões! Em meu verdadeiro nome, Baal Hadad, eu os convoco! Tempestades, atendam ao chamado daquele que cavalga as nuvens! Com essa invocação divina, as nuvens carregadas que pairavam sobre a Sardenha explodiram em centenas de raios. Um imenso globo de energia elétrica, com quilômetros de diâmetro, se formou e desceu em direção a Su Mo. Mas isso era apenas uma distração! No mesmo instante, enxames incontáveis de gafanhotos emergiram da caverna atrás de Melqart, formando uma névoa negra que cobria o céu e avançava para devorar Su Mo. No caminho desses insetos, tudo era consumido — plantas, flores, até mesmo a energia mágica dispersa no ar. Como deus da colheita e da devastação, Melqart possuía a dualidade do divino agrícola, capaz de abençoar a terra ou lançar pragas sobre ela. Ao mesmo tempo, o chão sob os pés de Su Mo tremeu. Pântanos escuros engoliram a terra ao redor, e esqueletos sem conta emergiram da escuridão, emanando o cheiro do submundo. Montanhas estremeceram, o mar se revoltou, e ondas gigantes invadiram os vales, prontas para arrastar tudo em seu caminho. Trovões, tsunamis, o submundo, pragas de gafanhotos... Quatro armas divinas cuidadosamente preparadas foram desencadeadas de uma só vez, transformando a área ao redor de Su Mo em uma zona de morte absoluta. Melqart observava Su Mo com atenção, tentando prever seus movimentos. Mas para sua surpresa, mesmo diante de um cenário tão desesperador, Su Mo continuava imóvel. Nenhum poder divino foi invocado, nenhum feitiço, sequer um movimento. — O que está acontecendo? Ele já desistiu? No momento em que Melqart questionava, Su Mo finalmente agiu. Ele olhou ao redor, para a rede esmagadora de poderes divinos que não deixavam espaço para fuga, e balançou a cabeça levemente, murmurando sua primeira frase: — Ainda não é o suficiente? — O que quer dizer com "não é o suficiente"? Por que ele não parece com medo, mas quase... decepcionado? A expressão de Su Mo deixou Melqart confuso, até que ele falou novamente, com um tom de desdém palpável: — Será que... é fraco demais? Nem precisava dizer a quem se referia. — DESAFIO! — Melqart explodiu de raiva, o sangue fervendo em suas veias. Um deus rei, insultado por um mero matador de deuses? Se não ensinasse uma lição a esse insolente, onde ficaria sua dignidade? — Venham! Yagrush! Aymur! Matem esse infiel agora mesmo! Cegado pela ira, ele revelou seu trunfo final. As mesmas armas divinas que o ajudaram a derrotar dragões e ascender como deus rei, as mesmas que fragmentaram Verethragna em dez partes. Concentrando todo o seu poder divino, duas armas massivas envoltas em relâmpagos surgiram da floresta atrás de Su Mo, disparando em direção às suas costas. Entre as quatro armadilhas divinas, essas duas armas eram seu verdadeiro golpe mortal! Ele planejava usá-las depois que Su Mo estivesse exausto, resistindo aos primeiros ataques. Mas agora, ofendido, ele não se conteria — lançaria tudo de uma vez para esmagar Su Mo completamente.